

Lexicultura e marcas de uso: levantamento e análise em dicionários monolíngues brasileiros e italianos

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3823>

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha¹
Claudia Zavaglia²

Resumo

A contextualização nos verbetes de dicionários é essencial, pois evidencia o uso das palavras-entrada, especialmente com relação a sentidos particulares que estejam ressaltados pelas marcas de uso, cuja ausência pode prejudicar a compreensão de significados. À vista disso, este estudo analisa marcas de uso existentes ou não, sob uma perspectiva analítico-reflexiva, em sete dicionários, nos pares de lemas *baleia/balena*, *macaco/scimmia* e *veado/cerbiatta*. Com base em Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004) e Gutiérrez Cuadrado (2011), analisamos as marcas de uso (Hausmann, 1977 *apud* Welker, 2004) existentes nesse *corpus*. Observa-se a falta de padronização na inserção dessas marcas, o que pode causar controvérsias e incompreensões. A pesquisa sugere melhorias, como o uso de marcação dupla, para aprimorar a consistência na inclusão dessas etiquetas nos dicionários.

Palavras-chave: marcas de uso; marcação dupla; metalexicografia; dicionários; microestrutura.

1 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; bertonha.tradutor@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0770-4302>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; claudia.zavaglia@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-0250-7019>

Lexiculture and labels: survey and analysis in Brazilian and Italian monolingual dictionaries

Abstract

Contextualisation in entries is essential, as it highlights the use of headwords, especially in relation to particular meanings that are highlighted by labels whose absence can hinder understanding. In view of this, this study analyses labels, from an analytical-reflexive perspective, in seven dictionaries for the lemma pairs *baleia/balena*, *macaco/scimmia* and *veado/cerbiatta*. Based on Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003), Welker (2004) and Gutiérrez Cuadrado (2011), we analysed labels (Hausmann, 1977 *apud* Welker, 2004) in this *corpus*. We observed a lack of standardisation for the insertion of these labels, which can cause controversy and misunderstandings. The research suggests improvements, such as use of double labelling, to improve consistency for the inclusion of these labels in dictionaries.

Keywords: labels; double labelling; metalexicography; dictionaries; microstructure.

Introdução

A variação pragmática é um aspecto essencial no estudo do léxico de uma comunidade linguística, englobando elementos como registro, atualidade, limitação geográfica e os efeitos de sentido que o uso de determinadas palavras, e também de seus sentidos, pode causar. Essas variações refletem as diferentes maneiras pelas quais uma língua é utilizada em contextos sociais específicos, influenciando a compreensão e a comunicação entre os falantes. No contexto da Lexicografia, as marcas de uso nos dicionários são ferramentas fundamentais para indicar essas variações, orientando tanto o consulente leigo quanto o profissional sobre o emprego adequado das palavras. Em se tratando de suas particularidades, podemos encontrar etiquetas lexicográficas que correspondem a marcas espaciais (diatópicas), temporais (diacrônicas), semânticas, terminológicas, além daquelas de registro de formalidade (diafásicas) e de estrato social (diastráticas).

Os dicionários monolíngues brasileiros e italianos desempenham um papel crucial na documentação e disseminação do léxico, o qual pode ser mais bem registrado pelo emprego de marcas de uso. Eles registram não apenas o significado denotativo das palavras, mas também as nuances pragmáticas que podem incluir conotações pejorativas, irônicas, tabus linguísticos, expressões regionais, entre outros. Assim, os dicionários atuam como mediadores culturais, evidenciando as restrições sócio-histórico-culturais-político-econômicas presentes no sistema linguístico de um povo.



Este estudo propõe uma análise comparativa das marcas de uso em sete obras lexicográficas, três brasileiras e três italianas, com o objetivo de observar como a variação pragmática é representada e quais implicações isso traz para a compreensão do léxico culturalmente marcado. A investigação busca destacar a importância de uma abordagem sistemática na inserção dessas marcas e como sua ausência ou inconsistência pode afetar a interpretação dos significados pelas diferentes comunidades linguísticas. Para tanto, selecionamos as entradas “baleia”, “macaco” e “veado” e seus respectivos correspondentes tradutórios italianos *balena*, *scimmia* e *cerbiatta* para comporem nosso *corpus* de pesquisa a fim de focar nas etiquetas lexicográficas presentes (ou não) nos verbetes desses lemas.

Fundamentação teórica

Segundo Lara (1996), as marcas de uso são essenciais para enriquecer a informação lexicográfica, pois fornecem ao consulente indicações sobre o contexto apropriado para o emprego de uma determinada lexia, visto que representam aspectos pragmáticos da língua, sinalizando variações de registro, temporalidade e geografia, o que é crucial para a precisão comunicativa. Ainda sob tal perspectiva, Fajardo (1996-1997) enfatiza que as marcas de uso funcionam como guias para evitar ambiguidades e equívocos na comunicação, ao indicar, por exemplo, no dicionário, quando uma palavra pode ser usada chulamente ou possui conotação pejorativa, auxiliando o usuário a fazer escolhas lexicais mais conscientes e adequadas ao contexto sociocultural em que está inserido.

Nos estudos de Strehler (1997, 1998), destaca-se a necessidade de padronização e consistência na aplicação das marcas de uso nos dicionários. Esse autor argumenta que a falta de uniformidade pode levar a interpretações errôneas e dificultar o aprendizado, especialmente para estrangeiros ou aprendizes de uma segunda língua, por isso defende que uma metodologia clara na inserção das marcas pode contribuir para a eficácia comunicativa e para o ensino de línguas.

Desde o início do século XXI, Garriga Escribano (2003) aborda a relação entre as marcas de uso e a competência comunicativa, ressaltando que a compreensão das variações pragmáticas é fundamental para a fluência e naturalidade na utilização da língua. As marcas de uso, portanto, não são meramente informativas, mas desempenham um papel ativo no desenvolvimento da habilidade linguística.

Para Welker (2004), as marcas de uso refletem a carga cultural compartilhada (CCP) pelos falantes de uma língua. Elas evidenciam como elementos extralinguísticos, como normas sociais e valores culturais, estão intrinsecamente ligados ao léxico. Esse mesmo autor reforça a ideia de que os dicionários devem considerar essas dimensões para fornecer uma representação mais completa e precisa da língua.

Ainda em termos metalexográficos, Gutiérrez Cuadrado (2011) contribui para a discussão ao analisar a evolução histórica das marcas de uso e sua relevância na contemporaneidade. O autor destaca que, com as mudanças sociais e culturais, as marcas de uso nos dicionários devem ser atualizadas para refletir os usos reais e atuais da língua, evitando, assim, que os dicionários se tornem obsoletos ou desconectados da prática linguística cotidiana.

No âmbito da Sociolinguística, Bagno (2007, 2017) ressalta a importância de reconhecer e valorizar a variação linguística como um fenômeno natural e inerente às línguas. Labov (2008), por sua vez, estuda a correlação entre fatores sociais e a variação linguística, demonstrando que aspectos como classe social, idade e região geográfica influenciam significativamente o uso da língua. Por fim, Weinreich, Labov e Herzog (2019) complementam essa perspectiva ao explorar como a mudança linguística é impulsionada por interações sociais e pela necessidade de identidade e distinção entre grupos.

A relação entre marcas de uso e variação linguística é essencialmente de sinalização e reflexo, sendo as primeiras o recurso lexicográfico que explicita a ocorrência da segunda nos dicionários. A variação linguística se manifesta por meio de unidades lexicais que fogem ao uso corriqueiro e padrão da língua, sendo socialmente avaliadas e impulsionadas por pressões sociais. Nesse panorama, as marcas de uso (a exemplo de 'pejorativo', 'chulo' ou 'irônico') são o mecanismo pelo qual o lexicógrafo alerta o consulente sobre as restrições e o valor atribuído a determinado sentido. É imperativo que essas marcas tenham uma maior inserção em dicionários de todos os tipos, pois, ao fazer isso, o lexicógrafo cumpre a função de advertir todos os consulentes sobre a complexidade da variação linguística que faz parte do seu cotidiano.

Sob uma perspectiva sociolinguística, a variação não ocorre apenas por fatores internos, mas é fortemente motivada por condicionantes sociais – dentre os quais se destacam o grau de escolarização e o *status* socioeconômico. As marcas de uso atuam, portanto, como o instrumento de evidência desses fatores extralinguísticos, pois carregam consigo o juízo de valor que a sociedade atribui às diferentes formas de uso na língua. Ao incorporar as marcas, o lexicógrafo torna explícita a informação implícita sobre a variação linguística; com isso, as marcas de uso representam o ponto de intersecção em que a descrição linguística encontra a realidade partilhada, permitindo que o consulente reconheça as restrições de uso e as implicações sociais que acompanham determinadas unidades lexicais em comparação com a norma padrão.

É importante mencionar que o conceito de Lexicultura, proposto por Galisson (1987), enfatiza o estudo do léxico culturalmente marcado, em que a língua é vista não apenas como um sistema de signos, mas como um reflexo da cultura e das experiências compartilhadas pelos falantes. A Lexicultura considera que a compreensão plena de uma língua envolve o reconhecimento da carga cultural repartida, que confere singularidade

e diversidade à comunicação humana. Por meio dessa abordagem, torna-se evidente que o léxico está profundamente conectado ao extralinguístico, e que a competência linguística inclui a capacidade de interpretar e utilizar adequadamente as marcas de uso culturalmente determinadas.

Percursos metodológicos

Vale ressaltar que as marcas de uso também são conhecidas na literatura como rubricas, rótulos ou ainda etiquetas lexicográficas, sendo que os pesquisadores que as estudam apontam como relevante recurso que evidencia a perspectiva pragmática, quer dizer, promove uma indicação ao consulente sobre a restrição ou ressalva de um uso específico de determinada unidade lexicográfica ou sua acepção em contexto específico.

Tendo como objetivos: (i) analisar, na codificação e decodificação, a utilidade da inserção de marcas de uso na microestrutura de verbetes de itens lexicais que figuram como lemas em dicionários, (ii) bem como observar se existe uma variação intralinguística (no italiano e no português brasileiro) e, além disso, verificar sua coerência e utilidade ao consulente, para desenvolver este estudo, estabelecemos duas etapas. Na primeira, selecionamos como *corpus*, enquanto fonte de pesquisa, os sete dicionários monolíngues priorizados por sua abrangência, pelo acesso livre dados aos usuários brasileiros e italianos e pela variedade de suportes (impressa, eletrônica e *on-line*) que são:

Quadro 1. Formato dos dicionários

Obra	Formato	Língua
Michaelis (1998)	impresso	portuguesa
De Mauro (Rizzo, 2000)	eletrônico (CD-rom)	italiana
Houaiss (2009)	impresso e eletrônico (CD-rom)	portuguesa
Zingarelli (2013)	impresso e eletrônico (CD-rom)	italiana
Michaelis (2024) ³	on-line	portuguesa
Caldas Aulete (2024)	on-line	portuguesa
Treccani (2024)	on-line	italiana

Fonte: Elaboração própria

A partir desse *corpus*, realizamos a coleta manual dos lemas baleia/*balena*, macaco/*scimmia* e veado/*cerbiatta* a fim de analisar se há acepções consideradas tabus, chulas, irônicas e/ou pejorativas.

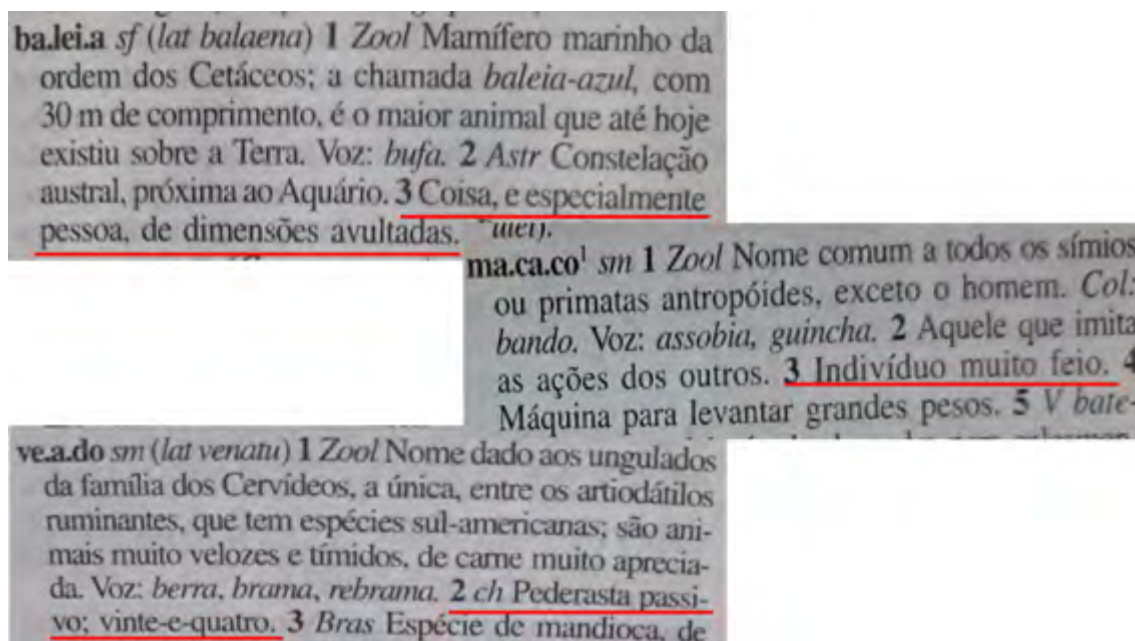
3 A versão virtual do dicionário Michaelis (2024) é diferente daquela impressa (1998), como informado em seu site (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>), na aba “Sobre o dicionário”.

Em uma segunda etapa, contrastamos essas unidades lexicográficas dos dicionários em análise para observar a sua descrição.

Análise dos dados

Com base no *corpus* estabelecido e na coleta manual das unidades lexicográficas mencionadas anteriormente, esta seção detalha os procedimentos e resultados da análise dos dados. De início, apresentamos o contraste descritivo das acepções registradas para, subsequentemente, discutirmos as implicações dessas representações na descrição microestrutural. Vejamos a Figura 1:

Figura 1. Verbetes “baleia”, “macaco¹” e “veado” no Michaelis (1998)



Fonte: Michaelis (1998, p. 290; p. 1287; p. 2182)

Conforme Figura 1, verificamos que, nessa obra, há acepções de “baleia”, “macaco¹” e “veado” que registram sentidos pejorativamente ofensivos. Respectivamente, em “baleia”, o terceiro sentido é gordofóbico e reifica o ser humano, enquanto em “macaco¹” a terceira acepção indica ausência de beleza. Conforme se nota, em ambos os casos não ocorre a etiquetagem, embora devesse ocorrer, dado que é necessário alertar os consulentes sobre o uso negativo desses conceitos que circulam na sociedade brasileira. Já em “veado”, a segunda acepção (“Pederasta passivo; vinte-e-quatro”) indica que esse sentido se relaciona, no Brasil, a um indivíduo adulto que mantém relações sexuais com um menor. De fato, não obstante contenha a etiqueta *ch* (“chulo”), a marca de uso “vulgar” deveria ser acrescida, uma vez que engloba a primeira (Bertonha, 2022, p. 181). Em todos

esses verbetes, acreditamos que as marcas de uso “pejorativo/ofensa” (em “baleia” e “macaco”) e “vulgar/ofensa” (em “veado”) teriam de ser adicionadas

Vejamos como a equipe lexicográfica do dicionário Michaelis apresenta essas mesmas acepções em sua versão *on-line* na figura que segue:

Figura 2. Verbetes “baleia”, “macaco” e “veado” no Michaelis (2024)



Fonte: Michaelis (2024)

Conforme se observa, encontram-se lematizadas as unidades léxicas “baleia”, “macaco” e “veado”, cuja etiquetagem atualizada favorece uma melhor decodificação aos seus consulentes, concernente aos conceitos implicados, apesar de ainda necessitar de revisão. Com efeito, ao observarmos “baleia”, detectamos que houve uma divisão da acepção gordofóbica de sua versão impressa em duas na versão *on-line* a fim de separar pessoa, na acepção 2, e objeto, na acepção 3, respectivamente, marcadas por “pejorativo” e “figurado” e que deveriam ser revisadas e alteradas para “pejorativo/ofensa” e “informal/figurado”.

Já em “macaco”, encontramos a marca técnica “zoologia” na primeira acepção, a marca semântica “figurado” na segunda acepção, inserida para se referir ao ato de imitar – significado não marcado na versão impressa – e na terceira acepção, registra-se ausência de beleza de uma pessoa também com a marca “figurado”. Com isso, percebemos que existe a necessidade de que, na microestrutura desse lema, seja agregada a etiqueta “pejorativo/ofensa”, uma vez que a crítica acerca da beleza alheia, quando vem à tona, comumente, objetiva ofender o interlocutor.

Por fim, em “veado”, em sua primeira acepção, encontra-se a marca técnica “zoologia” (como em sua versão impressa), porém, o número “vinte-e-quatro” está explicado na versão *on-line* sem que haja uma marca de uso (neste caso, entendemos que seria apropriada a marcação dupla⁴ “vulgar/ofensa”) que remete ao modo como algumas pessoas empregam esse sentido com o intuito de ofender homens, quer cis ou trans.

Passemos para a verificação dessas entradas em outro dicionário *on-line*, conforme Figura 3:

Figura 3. Verbetes “baleia”, “macaco”, “veado¹” e “veado²” no Caldas Aulete (2024)



Fonte: Caldas Aulete (2024)

Percebe-se que as entradas “baleia”, “macaco”, “veado¹” e “veado²” contêm marcas de uso e que, a princípio, parecem estar mais bem empregadas, dado que se verifica a tentativa de inserir marcas contextuais mais precisas.

Assim como no Michaelis (2024), no Caldas Aulete (2024), o verbete “baleia” possui acepções diferentes e separadas para o conceito primário de animal e para o sentido gordofóbico, que está marcado por “Por extensão. Pejorativo”, mas que deveria ser etiquetado por “pejorativo/ofensa”, visto que sugere o uso para menções hostis, preconceituosas e/ou violentas, alertando, assim, os consulentes acerca de seu emprego nos discursos. Na terceira acepção, esse dicionário traz as marcas “Brasil. Popular”, o que nos causa estranheza já que acreditamos que as marcas diatópicas como “Brasil” e

⁴ Segundo Bertonha (2022, p. 194), corresponde a uma etiquetagem constituída de uma marca 1 (de sentido mais geral) e de uma marca 2 (de sentido mais particular).

“brasileirismo” não auxiliam os consulentes, além de se esperar marcas que se refiram a outros países de língua portuguesa⁵. Já a marca diastrática “popular” traz a indicação de que o sentido está disseminado por toda a população, o que não se pode comprovar, e então, sugerimos que ocorra a marcação dupla de “informal/figurado”.

O emprego das marcas de uso “Brasil” ou “brasileirismo” em um dicionário que se autodenomina *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (em sua versão digital) constitui um contrassenso lexicográfico e um problema de perspectiva editorial. Dado que a obra se destina primariamente ao público brasileiro e não se propõe explicitamente a ser um dicionário-padrão para todos os países lusófonos, nem demonstra ter sido construída a partir de um *corpus* amplo de todas as nações de língua portuguesa, a marcação de itens como “brasileirismos” perde seu valor distintivo. Se a obra é brasileira em sua essência e escopo, o uso da variante do Brasil deveria ser tratado como a norma interna e não como uma restrição regional a ser etiquetada. Argumenta-se que seria mais produtivo e cientificamente rigoroso que, em vez de rotular a variante nacional como um todo, o dicionário se concentrasse em empregar a marca “regionalismo”, refinando a descrição geográfica à medida que as pesquisas geolexicográficas avançam, para demarcar variações específicas de regiões ou estados dentro do próprio Brasil.

Na entrada “macaco”, além das marcas técnicas “zoologia” e “náutica”, sua acepção 3 vem marcada por “figurado”, apresentando-se como correspondentes parassinonímicos “grotesco” e “disforme”, e, para um melhor emprego em contexto desse sentido, ou seja, “ausência de beleza de uma pessoa”, seria necessário alertar o consulente por meio da etiqueta “pejorativo/xingamento”. Ainda sobre as acepções de “macaco”, notamos que as acepções 9, 10 e 11 destacadas na Figura 3 apresentam, respectivamente, a etiquetagem “Brasil. Pejorativo. Popular”, “Brasil. Popular” e “Brasil. Popular” para ressaltar seus sentidos negativos circulantes no país. Entretanto, como discutido anteriormente, entendemos que essa marca diatópica também não seja apropriada nesse caso, tampouco a marca diastrática “popular”, visto que não é possível atestar sua disseminação territorial. À vista disso, acreditamos que seja mais adequado que se etiquete “pejorativo/ofensa” (para acepções 9 e 10, em razão do viés subjetivo depreciativo, desfavorável e ultrajante) e “informal/figurado” (para acepção 11), pois essa relação entre a característica de um indivíduo que possui desenvoltura para fazer alguma coisa (informalidade) e a configuração negativa referente a uma pessoa que demonstra malícia, esperteza gera o sentido figurado, o que nos motiva à inserção da marcação.

Com relação aos homônimos “veado¹” e “veado²”, a acepção 3 da primeira entrada se refere ao homem homossexual marcada por “Brasil. Vulgar”, em que consta um pós-comentário indicando sentido depreciativo ou preconceituoso; porém, assim como em Michaelis (2024) o emprego desse sentido se faz com o intuito de causar ofensa

⁵ Ademais, não é tarefa fácil determinar os limites geográficos mesmo no interior de um país, sobretudo considerando as dimensões continentais do Brasil.

social, quer ao homem cis quer ao trans, portanto, parece-nos apropriada a marcação dupla “vulgar/ofensa” e não “vulgar/xingamento”, pois a orientação sexual não deve ser entendida como xingamento por ser algo constitutivo. Já na segunda entrada, temos a marca técnica “Brasil. Botânica”, cujo problema se encontra na inclusão de “Brasil”, pois, conforme discussão supramencionada, deveria ser substituída por “termo/botânica”.

Por sua vez, em Houaiss (2009, 2024), na Figura 4, observamos:

Figura 4. Verbetes “baleia”, “macaco” e “veado” no Houaiss (2009; 2024)



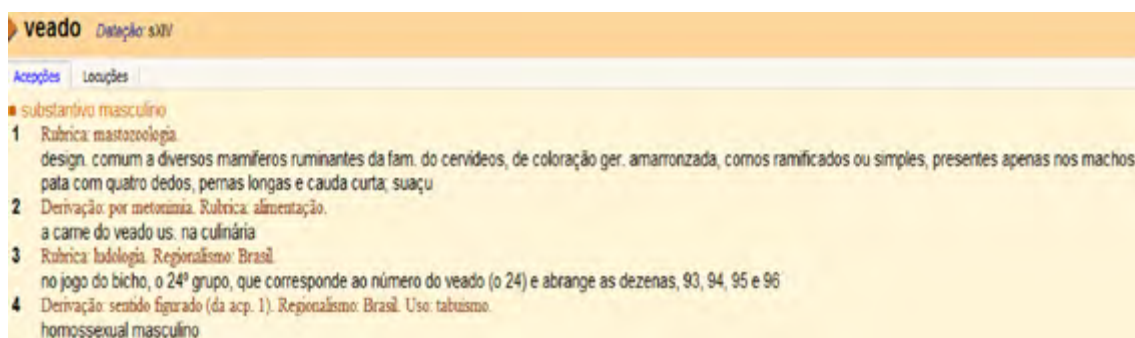
Fonte: Houaiss (2009, 2024)

Ao compararmos as duas edições do Houaiss (2009, 2024) aos outros dicionários deste estudo, constatamos que os contextos de uso explicitados em seus verbetes estão mais detalhadamente marcados e assinalados. Em “baleia”, encontramos a acepção gordofóbica marcada por “Derivação: por analogia. Uso: informal, pejorativo”, embora a proposta seja esclarecer o sentido ao consulente, parece-nos que há uma poluição dessas informações e, sendo assim, sugerimos a marcação dupla “pejorativo/ofensa”; a respeito de sua acepção 3 ocorre o mesmo, pois há informações em demasia que podem confundir o consulente diante da marcação “Derivação: por analogia (da acepção 1). Regionalismo: Brasil. Uso: informal”. Entendemos que, para destacar o sentido de “coisa de dimensões avultadas” seja necessária a etiquetagem de “informal/figurado”.

Ainda em Houaiss (2009, 2024), quando observamos as acepções 2 e 3 de “macaco”, observa-se que ocorre a mesma etiquetagem (“Derivação: sentido figurado”), tanto na versão impressa quanto na virtual, mas que deveriam ser diferentes tendo em vista que o segundo sentido nos remete à oralidade individual e sua semelhança a hábitos do animal em questão, logo, marcar com “informal/figurado” poderia auxiliar melhor a

compreensão contextual do consulente. Já o terceiro sentido aponta para um aspecto subjetivo de quem o usa com o intuito de insultar alguém; por conseguinte, entendemos que “pejorativo/ofensa” cumpriria melhor o papel de alertar o usuário desse dicionário. Nessa mesma obra ainda, “veado” possui sua terceira acepção marcada por “Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil”, o que pode se constituir em um equívoco, uma vez que “ludologia” remete a jogos principalmente relacionados ao universo infantil e então seria mais apropriado que se etiquetasse com “termo/contravenção” a fim de marcar sua característica de ilegalidade. Além disso, em sua quarta acepção, verificamos a seguinte rotulagem “Derivação: sentido figurado (da acepção 1). Regionalismo: Brasil. Uso: tabuísmo”, a qual precisa ser revista uma vez que pode gerar algum tipo de incompreensão por parte do consulente. Primeiramente, acreditamos que não haja a necessidade de sua remissão à acepção porque, nos dicionários, o sentido literal, geralmente, é aquele que se encontra no início do verbete, seguido de seus sentidos conotativos; além disso, na acepção 1, constam características físicas do animal (sentido denotativo marcado pela rubrica “mastozoologia”); diferentemente, verificamos, na Figura 5, que sua acepção 4 conota um sentido preconceituoso:

Figura 5. Verboete *veado*



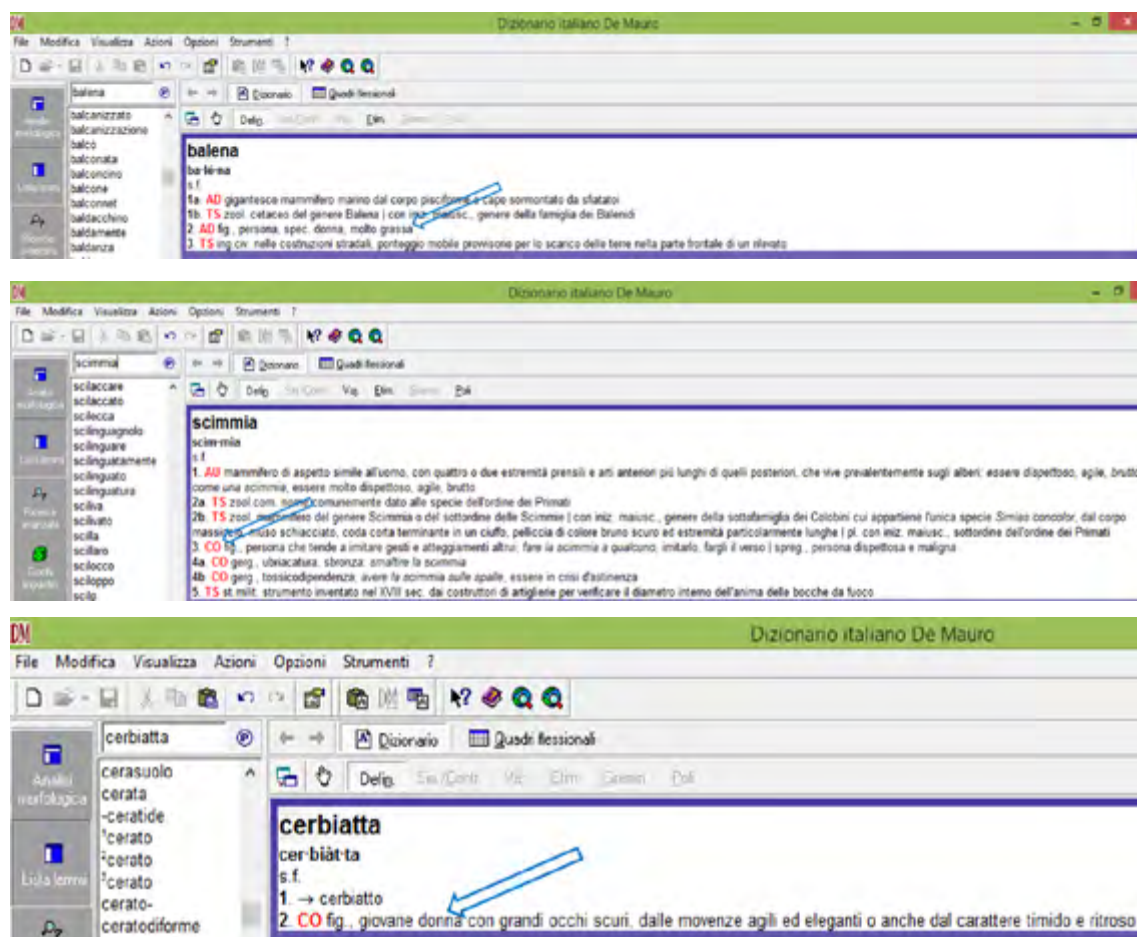
Fonte: Houaiss (2009, 2024)

Esse sentido conotativo da acepção 4, da maneira como se apresenta, pode levar o consulente a entender que há uma relação entre características desse animal e aquelas de um homem, que possam advir do fato de como esse ser se comporta na natureza (modo como se desloca, colocando uma pata diante a outra), o que pode remeter ao movimento de quadris da mulher e, partir disso, é feita a relação pejorativa para o homossexual masculino. A interpretação dessa metáfora ofensiva está mais relacionada a questões culturais e históricas, associando a figura do animal (veado) a estereótipos sobre a feminilidade e a percepção de masculinidades desviantes. Bagno (1999) discute o uso de termos pejorativos no contexto da linguagem e preconceito, abordando o tema da homofobia linguística e como certas palavras são usadas de forma depreciativa para descrever grupos minoritários, especialmente no contexto da língua portuguesa. Embora não trate diretamente da análise comportamental do animal “veado”, esse autor discute amplamente como certas palavras adquirem conotações preconceituosas e o

papel que isso desempenha na construção cultural de estigmas sociais. Na maior parte dos contextos e quando proferida por heterossexuais, essa unidade léxica é considerada uma injúria de caráter homofóbico, refletindo uma estrutura social machista que repudia a feminilidade em homens ou a não-conformidade com o padrão cis-heteronormativo. Portanto, o que se flagra nesse verbete é o uso de violência de gênero que atinge homens e mulheres ao mesmo tempo. Entendemos que a marca apropriada a ser empregada, neste caso, seja “pejorativo/xingamento”. Destaca-se, por outro lado, que o uso desse item lexical pela própria comunidade LGBTQIAPN+, principalmente entre homens *gays* e *veados/viados*, mas não somente, o termo sofreu um processo de resignificação e, atualmente, vem sendo usado de forma irônica, carinhosa, identitária e afirmativa, anulando o poder ofensivo da palavra quando usada em contextos internos e seguros.

Partindo para a análise intralinguística na língua italiana, vejamos os verbetes coletados no De Mauro (Rizzo, 2000) na Figura 6:

Figura 6. Verbetes *balena*, *scimmia* e *cerbiatta* no De Mauro (Rizzo, 2000)



Fonte: De Mauro (Rizzo, 2000)

Em De Mauro (Rizzo, 2000), no verbete “balena”, assim como nos dicionários em português, a segunda acepção se refere a uma pessoa que, aos olhos de outrem, é considerada fora do padrão de massa muscular, sendo etiquetada com *AD* (“alta disponibilidade”), porém, nessa obra, vemos que há uma referência com ênfase ao corpo feminino (*spec. donna*, cuja tradução é “principalmente mulher”), o que revela preconceito de gênero, sexismo. Acreditamos que devesse estar marcado por *spregiativo/genere* (“pejorativo/gênero”) dado que é direcionado às mulheres.⁶

Na entrada *scimmia*, apontamos para a terceira acepção que registra o sentido em italiano de uma pessoa que tende a imitar gestos e comportamentos de outrem, marcada por *CO fig.* (“comum figurado”) e, ao mesmo tempo, por *spreg.* (“pejorativo”). Por um lado, esse sentido de “imitador” nos remete a uma constatação de uso durante a oralidade individual a partir de alguma semelhança comportamental do animal em questão, logo, a marcação “informal/figurado” poderia contribuir para uma compreensão contextual mais clara do consulente. Por outro lado, essa mesma acepção traz um segundo sentido conotativo referindo-se a uma pessoa *dispettosa* (“despeitosa; arrogante”) e *maligna* (“malvada”) e talvez pudesse ser etiquetada com “pejorativo/comportamento” para designar, para os italianos, um modo negativo de portar-se publicamente.

Ainda sobre a entrada *scimmia*, sua quarta acepção está subdividida em 4a (“bebedeira, ressaca: *curar/eliminar a ressaca*”) e 4b (“toxicodependência”) que estão marcadas por *CO gerg.* (“comum gíria”) e, assim, entendemos que nessa obra há o registro de dois sentidos que, para os italianos, ocorrem em função de seu uso vulgarizado, ocupando outros contextos sociais. É preciso que se mencione que a gíria é uma fotografia do momento sociopolítico-econômico-histórico-cultural em que um grupo faz uso de seu arcabouço lexical para se manter segregado, linguisticamente, da sociedade. Portanto, é possível reconhecer que a etiqueta “informal” poderia substituir “gíria” dado que consegue recuperar o sentido de um item lexical que se apresente destituído de formalidade ou convencionalidade. Nossa proposta seria *termine/informale* (“termo/informal”) porque poderia abarcar “um sentido restrito a um grupo de indivíduos em razão das particularidades desse conjunto, reforçando essa como sua principal característica: uso exclusivo em nicho” (Bertonha, 2022, p. 170).

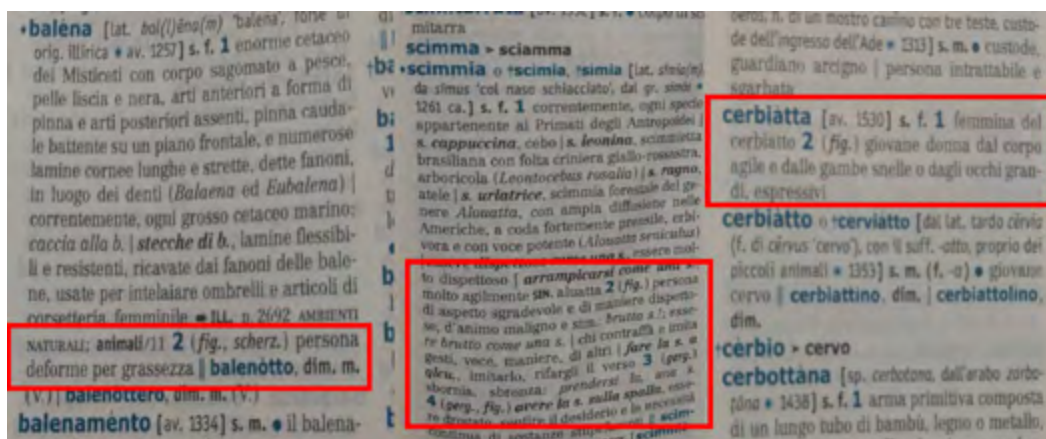
Por fim, em *cerbiatta*, sua primeira acepção faz a indicação remissiva para correspondente masculino *cerbiatto*, enquanto isso sua segunda está marcada por *CO fig.* (“comum figurado”) para ressaltar o sentido de mulher jovem com grandes olhos escuros, de movimentos ágeis e elegantes ou também de caráter tímido e retrógrado; assim, como discutido durante a análise de “veado” em Houaiss (2009, 2024), nota-se que também em

6 Em sua versão *on-line* (<https://dizionario.internazionale.it/parola/balena>), essa segunda acepção traz a marca de uso AU, que significa “alto uso” e em sua definição foram acrescentadas as palavras *anche in usi sessisti*, ou seja, “também em usos sexistas”. Consideramos bastante pertinente a inserção embora não tenha sido adicionada nenhuma marca que delimite a pejoratividade do uso da unidade lexical.

italiano há uma crítica direta às mulheres, porém, sem que haja referência ao homossexual masculino, o que, a nosso ver, poderia ser abarcado com a marcação *spregiativo/offesa*.

Passemos aos verbetes em Zingarelli (2013) na Figura 7:

Figura 7. Verbetes *balena*, *scimmia* e *cerbiatta* no Zingarelli (2013)



Fonte: Zingarelli (2013)

No Zingarelli (2013), a segunda acepção – pessoa deformada pela gordura – está marcada por *figurato*, *scherzoso* (“figurado, jocoso”) e, evidentemente, carece de ser revisado, visto que pode levar o consulente a entender que, sendo um sentido jocoso, brincalhão poderia ser empregado em um contexto no qual o item lexical causasse riso ou fosse engraçado, o que não é verdade. Desse modo, acreditamos que, por meio da substituição dessa etiqueta para *spregiativo/offesa* (“pejorativo/ofensa”), o real conceito da lexia possa ser recuperado.

Em *scimmia*, em sua segunda acepção, vemos registrado um sentido bastante negativo referente tanto à subjetividade quanto ao comportamento de uma pessoa, apontando seu aspecto desagradável, travesso e mesmo malvado ao imitar outra pessoa, logo, poderia ser etiquetada com “pejorativo/comportamento”.

Assim como supra discutido em De Mauro (Rizzo, 2000), a quarta acepção de *scimmia* está marcada por *gergo* (“gíria”) e a etiqueta “informal” poderia substituir “gíria”; com isso, propomos a marcação de *informale/comportamento* (“informal/comportamento”).

Da mesma maneira que em De Mauro (Rizzo, 2000), *cerbiatta*, em sua segunda acepção, está marcada por *fig.* (“figurado”) para registrar o sentido de mulher jovem de movimentos ágeis e pernas esguias, elegantes ou ainda de olhos expressivos grandes, características essas já apontadas, marcadas e discutidas durante a análise de “veado” em Houaiss

(2009, 2024). Nota-se, então, que também na sociedade italiana há críticas diretas às mulheres; entretanto, não ocorre menção ao homossexual masculino, por isso, a nosso ver, poderia ocorrer a marcação *spregiativo/offesa* ("pejorativo/ofensa").

Para finalizar nossas análises nos dicionários italianos, vejamos *balena*, *scimmia* e *cerbiatto* na Treccani (2024), conforme Figura 8:

Figura 8. Verbetes *balena*, *scimmia* e *cerbiatto* na Treccani (2024)

baléna s. f. [lat. *bal(ŋ)æna*, *ballēna*, forse der. di una voce illirica o preindoeuropea come il gr. *βάλαινα*]. – 1. Gigantesco mammifero cetaceo (lat. scient. *Balaena*), della famiglia balenidi, dal corpo enorme e tozzo, lungo oltre 20 m, che si nutre, nonostante il grosso capo, di minuti organismi planctonici che restano impigliati nelle frange dei fanoni. Le balene vivono negli oceani freddi (Mare Artico, oceani Atlantico, Pacifico settentr. e merid.), e oggi, a causa della caccia, ancora intensissima seppur regolamentata, di cui sono oggetto, si spostano sempre più verso i mari contornanti le calotte polari. Da esse si ricavano: l'olio di b., estratto dall'adipe, che si usa nell'industria dei saponi, nella filatura della iuta, e per preparare oli industriali; le stecche di b., lamine cornee, elastiche e flessibili, che si ottengono dai fanoni e servono soprattutto per busti; e il bianco di b. o *spermaceti* (v.). 2. In usi fig., e in similitudini, sempre con valore spreg., persona, spec. donna, molto grossa: la vedi, quella b.?; è una b., sembra una balena. 3. Nelle costruzioni stradali, ponteggio provvisorio mobile che serve per lo scarico delle terre nell'avanzata frontale di un rilevato. 4. In astronomia, costellazione equatoriale (lat. *Cetus*), a est dell'Aquario e a sud dei Pesci e dell'Ariete. ♦ Dim. **balenòtto** s. m., balena giovane (nell'uso corrente, anche **balenòttero**). TAV.

cerbiatto

(ant. **cerviatto**) s. m. (f. -a) [der. di *cerbia*, *cervia*]. – Cervo giovane: trovò una cerbiatta che pasceva (Andrea da Barberino); fig., occhi di c., sguardo dolce, quasi implorante. ♦ Dim. **cerbiattino**, non com. **cerbiattolino**.

scimmia (ant. *scimia* e *simia*) s. f. [lat. *simia*, der. di *simis*, gr. *σῆμῖς* 'dal naso schiacciato'] – 1. Nome comune della maggior parte dei mammiferi appartenenti all'ordine primati (v.), diffusi principalmente nelle foreste tropicali e subtropicali dell'Africa, Asia (sottordine catarrini, o scimmie del vecchio mondo) e America (sottordine plorhini, o scimmie del nuovo mondo). S. leonina, scimmia platirina della famiglia callitricidi (lat. scient. *Leontopithecus rosalia*), presente in alcune aree della foresta tropicale del Brasile, di piccole dimensioni (il corpo, esclusa la coda, è lungo 30-40 cm), con mantello di colore arancione fulvo, a volte con chiazze nere, e lunga criniera di peli eretti che circonda il capo (da cui il nome); s. nasuta, scimmia catarrina della famiglia cercopitecidi (lat. scient. *Nasalis (uvatus)*), diffusa nelle foreste ripariali di mangrovie del Borneo, di medie dimensioni, così chiamata per la particolare forma del naso, allungato a formare una sorta di proboscide piatta e pendula, particolarmente sviluppata nei maschi adulti; s. uriatrico, nome delle varie specie di scimmie appartenenti al genere *Alouatta*, della famiglia cebidi, diffuse nelle foreste e nelle praterie dell'America Centr. e Merid., di abitudini diurne e gregarie, il cui nome deriva dalla capacità di emettere forti grida, considerate tra i suoni più potenti emessi da un animale, utilizzato per la comunicazione tra i diversi gruppi sociali che occupano un territorio; a. ragno, nome delle varie specie di scimmie del genere *Ateles*, della famiglia cebidi, diffuse nelle foreste pluviali dell'America

foreste umide dell'America Centr. e Merid.: i giovani presentano un comportamento esplorativo e ludico molto accentuato, e trascorrono gran parte del tempo in esercizi e interazioni sociali, il che richiama il comportamento che si osserva spesso negli scoiattoli (da cui il nome). 2. Con riferimento alla bruttezza, all'indole dispettosa o maligna, o alla agilità considerate tipiche di quest'animale, il suo nome è frequente in similitudini, essere brutto come una sc.; sembrare una sc.; essere dispettoso, maligno; curioso come una sc.; arrampicarsi sugli alberi come una scimmia (anche, con i vari sign.: è una sc., è proprio una scimmia). In senso fig., persona che contraffà o imita altri: È te dee ricordà, se ben t'adocchio, Com'io fui di natura buona scimia (Dante); spec. nell'espressione fare la sc. a qualcuno, riprodurre i gesti, il modo di fare e di parlare, imitare lo stile, la tecnica, i modi (cfr. anche il più frequente scimmiozzare). 3. fig., region. Sbornia, sbronza: prendersi la sc., una sc.; ti è passata la sc. di ieri sera? 4. Nel gergo dei tossicodipendenti indica lo stato di dipendenza dalla droga, o la crisi di astinenza, in frasi quali: avere la sc., essere in sc.; avere la sc. sulle spalle (calco dell'ingl. *to have a monkey on back*), e togliersi di dosso la sc., cioè il peso della droga. ♦ Dim. **scimmietta**, **scimmietina**, e **scimmiotto** m. (v.), spesso anche come vezzeggiativi; pegg. **scimmiaccia**; accor. **scimmione** m. (raro il femm. **scimmiona**); male dello scimmione, nome pop. dell'atropia, perché conferisce ai bambini colpiti un aspetto scimmiesco. TAV.

Fonte: Treccani (2024)

Quando analisamos *balena*, constatamos que, a princípio, há uma preocupação da Treccani (2024) em ressaltar e esclarecer ao consultante o contexto de uso de suas acepções, quer dizer, empregam marcas e tentam promover uma explicação delas na própria acepção; por exemplo, no segundo sentido, vemos *fig.* (sentido figurado, em italiano) e *speg.* (*spregiativo*, sentido pejorativo, em italiano) em “Em uso figurado, similarmente, sempre com valor pejorativo” (Rizzo, 2000, eletrônico, tradução própria)⁷. Como vimos em português, em De Mauro (Rizzo, 2000), também na Treccani, a segunda acepção de *balena* se refere enfaticamente ao corpo feminino (*spec. donna*, cuja tradução é “principalmente mulher”), revelando preconceito de gênero; logo, etiquetá-la com *spregiativo/genere* (“pejorativo/gênero”) parece-nos mais útil para a compreensão do consultante.

Na Treccani, a entrada *cerbiatta* encontra-se lematizada em *cerbiatto*, na qual encontramos uma marca que destaca seu sentido figurado (*fig.*) que poderia vir a ser substituída por *spregiativo/comportamento* (“pejorativo/comportamento”), uma vez que o sentido da súplica pelo olhar parte de uma perspectiva de alguém que se coloca em posição superior, portanto, quem produz esse olhar pode ser submisso ou estar em perigo, o que poderia justificar essa proposta de marcação.

Por fim, na entrada *scimmia*, Treccani (2024) engloba na mesma acepção duas definições que parecem levar o consultante a não compreender seu sentido por completo, ao passo que em Zingarelli (2013) esse sentido se encontra separado em duas acepções distintas. Diversamente, De Mauro (Rizzo, 2000) faz como a Treccani (2024), pois ambos registram o sentido de uma pessoa que imita outra de maneira malvada e travessa, marcando esse sentido apenas por *fig.* (“figurado”). Assim, conforme discutido anteriormente, *spregiativo/comportamento* (“pejorativo/comportamento”) contribuiriam para uma compreensão contextual mais clara do consultante.

Diante dessas constatações, verificamos que, de 1998 a 2024, as ocorrências intralinguísticas são recorrentes em ambas as línguas, conforme demonstram os dados levantados pelos verbetes culturalmente marcados, tanto no português quanto no italiano, por meio de cargas culturais compartilhadas (CCP) em contextos particulares de uso.

Considerações finais

A análise das marcas de uso nos dicionários monolíngues brasileiros e italianos evidencia a importância de uma abordagem sistemática e padronizada na representação da variação pragmática, visto que é evidente a imprecisão no estabelecimento das marcas na organização das obras.

⁷ No original: “In usi *fig.*, e in *similitudini*, sempre con valore *speg.*”.

A ausência de padronização metodológica e de transparência no processo de inserção dessas marcas pode levar a inconsistências e dificuldades na compreensão dos significados culturalmente marcados. À vista disso, esta pesquisa tentou trazer à luz uma reflexão sobre os usos linguístico-culturais dos povos brasileiro e italiano por meio da verificação do registro de seu léxico em dicionários.

Torna-se fundamental que lexicógrafos passem a considerar as contribuições da Lexicografia e da Sociolinguística para aprimorar a qualidade e a utilidade dos dicionários, fortalecendo sua função como instrumentos de mediação cultural e linguística, sobretudo pela inserção mais precisa das marcas de uso como auxiliaadoras na compreensão do consulente de usos singulares de unidades lexicais em sua comunicação. Por meio da marcação dupla, acreditamos que esse *desideratum* possa ser alcançado mais fácil e profundamente.

A Lexicultura encontra na Sociolinguística o seu alicerce teórico fundamental, ao reconhecer que o léxico de uma língua não é uma entidade estática e homogênea, mas sim um reflexo dinâmico e carregado de valores da cultura e da sociedade que o produz e o utiliza. A inserção de marcas de uso em verbetes não é apenas um procedimento técnico de restrição ou de alerta, mas o ponto de contato entre a Lexicografia e o contexto sociolinguístico. Nesse sentido, esse emprego ocorre porque tais marcas atuam como indicadores de fatores extralinguísticos que promovem a variação linguística. Dessa maneira, ao sinalizar acepções como “pejorativo”, “informal”, “ofensa” ou “vulgar”, por exemplo, o lexicógrafo está, na verdade, registrando as pressões sociais propulsoras e os julgamentos de valor que a comunidade impõe sobre determinadas escolhas lexicais, sendo que variáveis como grau de escolarização e *status* socioeconômico influenciam diretamente essa avaliação e, consequentemente, a necessidade da marcação.

Portanto, a Lexicultura, ao se debruçar sobre a descrição do léxico, não pode ignorar que o valor social atribuído às unidades lexicais estimula o processo contínuo de variação. É a responsabilidade sociolinguística do lexicógrafo, imbuído do conceito de Lexicultura, que deve explicitar essa informação implícita nos usos da língua. Ao incluir as marcas de uso, o lexicógrafo está garantindo que o consulente tenha consciência das restrições de uso socialmente condicionadas. Esse procedimento não apenas enriquece a obra lexicográfica, conferindo-lhe maior fidelidade à realidade linguística, como também instrumentaliza o consulente para navegar com maior proficiência e criticidade nas diversas esferas da comunicação social.

Referências

AULETE, C. Aulete Digital. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2024.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BERTONHA, F. H. C. *Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares: proposta de etiquetagem em marcação dupla*. 2022. 333f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2022.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. *Revista de Lexicografía*. v. 111, p. 31-57, 1996-1997.

GALISSON, R. *Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP*. Études de Linguistique Appliquée, 67, p. 109-151, 1987.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GUERRA, A. M. M. (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003. p. 103-126.

GUTIÉRREZ CUADRADO, J. Ideología e lexicografía. In: VICENTE, F. S.; GARRIGA ESCRIBANO, C.; LOMBARDINI, H. E. Ideolex. *Estudios de Lexicografía e Ideología*, 2011. p. 25-66.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LARA, L. F. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1996.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 10 set. 2024.

RIZZO, D. (coord.). *Dicionário Italiano De Mauro versão 1.0.3.5*. Torino: Paravia Bruno Mondadori Editori, 2000. (versão eletrônica).

STREHLER, R. G. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 171-180.

TRECCANI. *Vocabolario della lingua italiana*. Disponível em: <https://www.treccani.it/>. Acesso em: 10 set. 2024.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. 1. ed. 4. reimp. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

WELKER, H. A. Marcas de uso. In: *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004. 2. ed. revista e ampliada, p. 130-149.

ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2013.